

LINGUAGEM E CONHECIMENTO: MÍDIA, TERRITÓRIO, IDENTIDADE CULTURAL E SUAS INTERFACES COM AS TICs

Inêz Aparecida de Carvalho Leão¹; Heberth Paulo de Souza²; Vicente de Paula Leão³

Grupo 4.4. *Multimídias: linguagens, signos e discursos em textos, imagens, áudios, movimentos etc.*

RESUMO:

O presente texto trata da relação entre linguagem dos meios de comunicação e o conceito de território. Abarca questões de sociais mais amplas, que influenciam no comportamento dos habitantes e estabelecem o seu estilo de vida conferindo identidade a um grupo de indivíduos. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns aspectos relacionados a essa importante problemática do mundo contemporâneo, fundamentados em alguns expoentes dos estudos geográficos e na cultura populares, especialmente manifestados através de diferentes formas de linguagens e da tecnologia da informação e comunicação. Os fatos do nosso tempo e suas narrativas pelos grandes meios de comunicação influenciam na formação de uma visão parcial dos acontecimentos, a partir de aspectos mínimos como a escolha lexical, sob cujo viés o fato deve ser entendido.

Palavras-chave: Identidade – Território – Meios de Comunicação – Mídia – Tecnologias da Informação

ABSTRACT:

LANGUAGE AND KNOWLEDGE: MEDIA, TERRITORY, CULTURAL IDENTITY AND INTERFACES WITH TICs

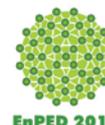
The present research explores the relationship between language of mass media and the concept of territory. It encompasses broader social issues that influence the behavior of people and establish their lifestyle giving identity to a group of individuals. The aim of this research is to report some aspects related to this important problem of the contemporary world, based on some exponents of geographic studies and popular culture, especially expressed through different forms of language and information technology and communication. The facts of our time and their narratives by major media influence in the formation of a partial view of events, from minimal aspects such as lexical choice and on the fact that must be understood bellow.

Keywords: Identity - Territory - Mass Media - Media - Information Technology

¹ Mestre em Educação pela UFSJ / Profª da Escola Estadual Dr. Garcia de Lima – São João del-Rei – MG / e-mail: iacl@bol.com.br

² Doutor em Linguística pela UFMG / Professor do IPTAN/São João del-Rei – MG / hp.souza@globo.com

³ Doutor em Geografia e Análise ambiental pela UFMG / Professor do Departamento de Geografia da UFSJ – MG / leão@ufs.edu.br



1. Aspectos sobre identidade, lugar, território e mídia

A evolução dos meios de comunicação de massa e das redes sociais modifica a noção de tempo e espaço. Os telejornais e a imprensa escrita, quando noticiam um fato, fazem-no quando este já circulou pela Internet e pelas redes sociais – quando, na verdade, deixou de ser novidade. Sobre esse avanço dos meios de comunicação, Baccega afirma:

Os conceitos de tempo/espaço já não se marcam como ontem. Um avião que explode as torres do World Trade Center é acompanhado, em tempo real, na sala de casa, por milhões de pessoas em todo o mundo. Basta compararmos com a carta que Caminha escreveu ao rei de Portugal, dando a notícia do descobrimento e o tempo que ela levou para chegar ao destino ou o tempo gasto pelos imigrantes, no início do século XX, no navio que os transportava da Itália ou outro país para o Brasil: sempre mais de trinta dias. (Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/comueduc/antigos/apresenta/artigo25.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2012).

Essa evolução da velocidade de circulação da informação tem seus efeitos no ensino e, portanto, deve ser incorporada na organização do trabalho do professor. O lugar – espaço de vivência dos alunos – deixou de ser apenas o espaço físico (a rua, o bairro, a sala de aula); hoje esses alunos se conectam e virtualmente constituem novos habitats. Os alunos estabelecem vínculos de identidade virtuais. Tornou comum ouvir a expressão “vai ver se eu estou on line”. O sentimento de pertencimento a um lugar pode ser, agora, construído sobre bases imateriais.

[...] não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais. Eles explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passado e a conservação das paisagens. [...] Não se trata mais da interação do homem com a natureza na paisagem, mas sim de uma forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela. Nesta perspectiva, a paisagem é a realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significação. (CLAVAL, 1999)

Quando os grandes meios de comunicação de massa nos impõem esses significados, passam também a impor uma forma de pensar e interagir, construindo novas identidades e territorialidades. “[...] os lugares de memória: seu valor simbólico (...), local nacional, internacional, mundial ou próprio a uma religião, a uma cultura; eles são frequentemente fontes de identidade coletiva”. (BRUNET et al., 1992) A

compreensão do conceito de lugar, identidade e território constituem, assim, um valioso pressuposto para a interlocução com o texto produzido pela mídia.

São as relações sociais que medeiam nossa forma de perceber o mundo. Conforme Baccega:

Esse conjunto de relações que se estabelecem no imaginário de dada cultura, de determinado grupo, é uma construção coletiva em que se baseia a memória social daquele grupo, e a qual a comunidade procura manter. Essa memória coletiva é que respalda o modo que os indivíduos/sujeitos se veem no confronto com o outro, a ação deles em relação aos demais e em relação às instituições. A realidade objetiva é a base das relações imagéticas. Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo (...). E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade. (Bakhtin 1988, p. 31) É na construção desse território de reflexo/refração da realidade que a disputa se institui. A hegemonia nessa construção garante a permanência ou modificação de valores. (Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/26/26>>. Acesso em: 01 ago. 2012.)

A globalização e as tecnologias da informação e comunicação criaram o que Milton Santos denomina como meio técnico-científico-informacional.

o espaço geográfico hoje tende a se tornar um meio técnico-científico-informacional, constituído por um grande conteúdo em ciência, técnica e informação, daí resultando uma nova dinâmica territorial. Isso se deve sobretudo ao processo de globalização, marcado, entre outros aspectos, pela expansão das empresas multinacionais, que investem maciçamente em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e sistemas de produção. Essa situação leva a um tipo de produção com um conteúdo em ciência, tecnologia e informações cada vez maior. Os caixas eletrônicos, os telefones celulares, os computadores conectados à Internet são apenas alguns exemplos desse espaço “carregado” de ciência, técnica e informação. Esse meio técnico-científico-informacional dá-se em muitos lugares de forma extensa e contínua (Estados Unidos, Japão, Europa e parte da América Latina), enquanto em outros (África, parte da Ásia e parte da América Latina), apenas se manifesta como manchas ou pontos. Desta forma nota-se cada vez mais uma oposição entre espaços adaptados às exigências das ações econômicas, políticas e culturais características da globalização e outras não-dotadas dessas virtualidades. (SANTOS, 1994)

Para Bauman, “a distância é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida (e, numa economia monetária, do custo envolvido na produção dessa localidade)” (BAUMAN, 1999). Dessa forma, o que define as mudanças no território é a possibilidade ou não de este servir à produção e multiplicação do capital. Para Santos (2006, p. 1), “os lugares não desaparecem, mas sua lógica e seu significado são absorvidos na rede”. De acordo com Castells, “o espaço de lugares teria sido substituído pelo espaço de fluxos, assim como tempo cronológico teria dado lugar ao “tempo intemporal” (É o tempo das redes de comunicação “real”, que torna o futuro um eterno presente.)” (CASTELLS, 1999). “O espaço tornou-se ‘processado / centrado / organizado / normalizado’ e, acima de tudo, emancipado das restrições naturais do corpo humano”. (BAUMAN, 1999). “[...] a identidade é conferida pelo meio ou por alguns dos elementos do meio que nós escolhemos”. (CASTELLS, 2006).

Identidade cultura e linguagem se prendem em espaços cada vez mais mediados pela grande mídia e pelas tecnologias da informação e comunicação. O grande desafio é transformar em discurso próprio o discurso alheio.

O campo da comunicação constitui-se a partir dessa multiplicidade de discursos que originam e configuram a unicidade do discurso da comunicação. O comunicador é o indivíduo/sujeito que o assume enunciator/enunciatário de todos os discursos em constante embate na sociedade, ele é o mediador da informação coletiva. Se, por um lado, o comunicador tem a condição de enunciator de um discurso específico, ao produzi-lo ele estará, na verdade, reelaborando a pluralidade de discursos que recebe: ou seja, estará na condição de enunciatário. Ele é, portanto, enunciator/enunciatário. (Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/26/26>>. Acesso em: 01 ago. 2012.)

Entende-se que o conhecimento é a base para interlocução com o texto da mídia, e a partir de sua decodificação de forma crítica nascerá um novo conhecimento ressignificado e humanizado. A identidade se apresenta como uma construção das relações em diferentes níveis e se coloca para nós como uma pergunta “quem sou eu?”. Conforme Claval:

A identidade aparece como uma construção cultural. Ela nasce de uma necessidade existencial profunda, a de responder à questão: ‘quem sou eu?’ Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gênero de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo. [...] a identidade deve ser analisada como um discurso que os grupos têm sobre eles mesmos e sobre os outros, para dar um sentido à sua existência. [...] Vê-se, então, por que os problemas do

território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados: a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades. (CLAVAL, 1996)

Identidade, linguagens e signos são indissociáveis, e se é a palavra que ilumina a imagem, esta deve compartilhar significados. Conforme Callai (2006, p. 73):

Percebe-se, assim, a importância da linguagem, como construção social e cultural, nas práticas de ensino, entendendo que sua essência é a de significar, ou seja, dar significado, atribuir significado às coisas (etimologicamente, ensino é exatamente isso – ensinar, dar signos). Para desenvolver, então, um modo de pensar, é preciso que os alunos, ao lidar com os signos e representações, formem conceitos que instrumentalizem esse pensamento. Esses conceitos permitem aos alunos localizarem-se e dar significados aos lugares e às suas experiências sociais e culturais, na diversidade em que elas se realizam. (CALLAI, 2006)

O professor deve entender que a sala de aula (material ou virtual) é o espaço para a construção do conhecimento que permita a emancipação da palavra e a transformação do aluno enunciador/enunciatário. É o diálogo entre professor e aluno que permitirá a ressignificação do texto produzido pela mídia, possibilitando, assim, o melhor aproveitamento desse material e os consequentes avanços na construção do conhecimento. Pilete nos diz que “um dos baluartes da antipedagogia é o professor aferrado às ‘suas’ verdades, como se fossem absolutas ou eternas”. (PILETE, 1991) Buscar o debate é permitir que venha à superfície a visão do outro, que, somada a outras visões, nos permitirá uma maior aproximação com o todo, que, ainda assim, será uma visão parcial e transitória, pois, como nos diz Guimarães Rosa, “Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza”.

A utilização do material midiático precede da compreensão de que a mídia possui poderosos instrumentos para impor sua linguagem, com profissionais cada vez mais bem preparados e equipamentos sofisticados. Através dos grandes meios somos servidos cotidianamente por um conjunto de informação. “O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano”. (BOFF, 2000). A mídia criou um espaço para si. Seu produto tem sido incorporado na educação básica como se estivesse pronto e possuísse um fim em si mesmo. Vários professores incorporam o material midiático e transfere para ele a tarefa de ensinar. A omissão do professor leva o aluno a acreditar que aquele material possui legitimidade como portador do conhecimento. Acreditamos que o material midiático deve, assim, ser visto como um recurso, e sua incorporação deve ser precedida de procedimentos nos quais é fundamental a mediação do professor. As modernas tecnologias da informação e comunicação não substituem o professor, mas, sim, ampliam sua voz e suas ações.

É o conhecimento científico que irá conferir ao material midiático uma nova função, permitindo que os alunos tenham condições de atribuir novos significados às

mensagens veiculadas na mídia. O professor que não atua como mediador deixa de cumprir a tarefa de ressignificar o conhecimento e, assim, de construir uma realidade alternativa. Portanto, os professores devem ter o conhecimento como mediador de descobertas de entendimento do mundo e de construção de identidades.

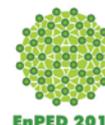
2. Artíficos de linguagem utilizados pela mídia

A linguagem não é só um elemento de transmissão de ideias ou de informação; mais do que isso, ela se configura como um poderoso recurso de estabelecimento de imagens que, no conjunto, vão influenciar no posicionamento ideológico dos usuários da língua. E isso diz respeito tanto à linguagem verbal quanto a não verbal, nas suas múltiplas manifestações.

Esse recurso de formação ideológica é explorado constantemente pela mídia, sabedora da eficácia dos artifícios de linguagem. Algum tempo atrás, por exemplo, durante a chamada Guerra contra o Terror, como ficou rotulada a reação dos Estados Unidos ao ataque terrorista de 11 de setembro, percebe-se nitidamente que ela não se caracterizava somente por confrontos bélicos e inflamados discursos ideológicos; entrou em cena também um arsenal de palavras que são dispostas em favor do ideal nacionalista norte-americano e contra qualquer ideologia que possa, mais uma vez, abalar o modo de vida americano. Os Estados Unidos tentam se recuperar dos danos morais investindo não só em armamentos, mas também em palavras. A mudança do nome do programa de saneamento antropológico de “Justiça Infinita” para “Liberdade Duradoura” foi uma das primeiras providências a serem tomadas pelos norte-americanos nessa batalha. A própria referência ao programa de devastação racial como “saneamento”, por si, já denota uma qualificação negativa, uma vez que evoca imagens ligadas a escoamento de sujeira, putrefação.

Nesse contexto, os meios de comunicação que possuem maior inserção na comunidade tendem a carregar ideologias de forma mais enfática do que meios de comunicação de menor inserção, seja pela imprensa falada ou escrita. Em edição especial de 12 de dezembro de 2001, por exemplo, a Revista Veja publicou uma matéria versando sobre a vitória das tropas americanas no território afegão. Apesar de não ter sido esse o limite final do calendário da guerra, a reportagem se desenvolve como que querendo antecipar tal limite, criando a imagem de uma “vitória rápida”, consoante as próprias palavras de uma das legendas do texto.

O fato é que, uma vez que a notícia é transmitida através desses ditos meios de comunicação de maior inserção no meio social, mais pessoas são influenciadas e, de certa forma, conduzidas dentro de uma linha ideológica pré-estabelecida. E essa ideologia se estabelece nitidamente através de recursos linguísticos. No texto da reportagem, há a ocorrência da linguagem figurada utilizada de forma tendenciosa a partir mesmo do próprio título: “A derrota do terror”. Percebe-se aí uma relação de metonímia, uma vez que o terror, propriamente, não é derrotável, mas, sim, as pessoas que compõem uma forma de governo ou organização que pratica o terror. O



título confere uma concretude ao terrorismo, nos mesmos moldes de quando as pessoas apresentam fatos e sentimentos como se fossem entidades físicas.

Essa metáfora, de início, ajuda na formação de um *frame* na mente do leitor, no qual se inserem as imagens que se sucederão no texto, proporcionando um caminho alternativo de interpretação dos fatos de acordo com os propósitos latentes na reportagem. *Frames* possuem uma importância fundamental no ato de interpretação de uma notícia, uma vez que o leitor, destituído de qualquer informação prévia, fica susceptível a receber qualquer informação nova e em qualquer formato em que se apresenta. Fica a cargo de sua capacidade crítica a seleção do que é fato e do que é forma de se revelar um fato.

Reforçando o esquema suscitado pela metáfora animizadora e ao mesmo tempo concretizadora do terror, o texto apresenta uma outra metáfora na expressão nominal “pobreza massacrante”. Mais uma vez, trata-se de uma metáfora que funde homem e fato num mesmo domínio conceitual, tendo-se em vista que o fato em si não massacra, e sim, as pessoas que estão sob o jugo da pobreza. Aliás, essa ideia é reiterada no decorrer de todo o texto, ativando uma imagem negativa do povo afegão em relação aos seus atos diante da crescente derrota pelos Estados Unidos: “saquear a cidade”, “escapar carregados de mercadorias roubadas”, “3.350 talibãs se amontoam num presídio”, “anarquia afegã”. Além dessa imagem de desordem social, é muito recorrente a de primitivismo do povo afegão, construída através de certos elementos de natureza nominal: “bandos talibãs”, “tribos e facções guerreiras”, “caciques importantes do terror”, “Dois chefes tribais competiam”, “dois líderes tribais”, “fragmentação do país em tribos, clãs e facções rivais”, “assembleia de líderes tribais”, “o poderoso clã Popalzai”, “entrincheirados em seu próprio feudo”. Na nossa cultura ocidental, fazer referência a tribos, bandos, clãs e feudos é o mesmo que remeter a formas de organização um tanto arcaicas e precárias. E a metáfora dos afegãos não termina aí; fazendo-se referência a um líder talibã, a reportagem acentua que “Karzai tem o pedigree certo para o cargo”. Embora o nome destacado se revista de uma significação positiva, é comum a sua aplicação em referência a animais, não a humanos.

Percebe-se uma diferença muito grande de criação imagética sobre os afegãos em comparação com os norte-americanos. Os atos praticados pelos Estados Unidos no Afeganistão são tratados como revestidos de tecnologia avançada, destoando completamente do primitivismo das referências aos afegãos. Eis algumas das frases do texto que criam tal imagem: “campanha movida naquele país”, “bombardeiros B-52 acertassem com grande precisão bombas poderosas”, “soldados das forças especiais americanas”, “substancial presença militar em solo”, “apoio logístico”. Nesse ponto, podemos questionar até quando existem informações fidedignas baseadas na realidade dos fatos e em que nível está acontecendo uma modalização dos fatos, em favor de uma ideologia que se pretende incutida na mente dos indivíduos leitores.

Paralelamente a esse conjunto de palavras e expressões que ativam imagens negativas em relação ao Afeganistão e positivas em relação aos norte-americanos, quer de sentido figurado ou não, o texto é repleto de construções que, mesmo no nível da significação explícita, comprovam uma postura notadamente pró-Estados

Unidos. Trata-se de palavras sempre ligadas a atos de violência e fanatismo em relação ao regime Talibã: “o barbarismo do regime”, “um regime de pesadelo fanático”, “o fanatismo do regime”, “O Talibã foi um governante brutal”.

É extremamente inviável esperar que os leitores depurem o que é fato e o que é notícia fantasiosa sobre o fato, pois o acúmulo de recursos de linguagem é imenso. Em meio a um turbilhão de informações objetivas, outro tanto de versões sobre o fato afloram no texto.

Existem ainda várias outras metáforas tendenciosas ao longo do texto. Nestas, é interessante observar como os fatos são tratados em termos de elementos ligados à natureza: “pacificar a país de modo que deixe de ser um *terreno fértil* para o surgimento e o treinamento de terroristas”, “*avalanche* de jovens entusiasmados com a causa”, “Al Qaeda, que (...) se *ramificou* por dezenas de países”. Além disso, o texto metaforiza o obstáculo encontrado pelas forças norte-americanas como algo banal, insusceptível de preocupações mais relevantes: “A maior *dor de cabeça* é como pacificar o país de modo que deixe de ser um terreno fértil para o surgimento e treinamento de terroristas”.

Outro aspecto muito trabalhado imagetivamente no texto é a figura do líder terrorista Osama bin Laden. Contrariamente à imagem que se constrói sobre os talibãs e sobre o Afeganistão de uma forma geral, a imagem de bin Laden chega a assumir conotações até positivas, à primeira vista parecendo uma incoerência argumentativa de um texto que se pretende defensor do ideal norte-americano.

Uma metáfora relativa ao líder chama-nos logo a atenção para esse aspecto. A frase “o homem que orquestrou os atentados contra Nova York e Washington em setembro”, através do verbo “orquestrar”, caracteriza o personagem em questão como tendo realizado uma verdadeira obra de arte, um trabalho de perícia, meticulosidade e detalhismo, como requer a regência de uma orquestra. Além disso, ele é tratado como o líder de uma “*rede terrorista* de dimensões globais”, tratamento que demonstra sobremaneira a grandiosidade do líder.

Outra imagem demasiadamente explorada no texto é a ideia de alguém que se despojou de toda forma de riqueza da qual dispunha para se dedicar a um ideal nacionalista. O texto está repleto de construções descritivas dessa vida pregressa de Laden: “infância de menino rico”, “o milionário saudita”, “Tendo herdado do pai empreiteiro uma fortuna apreciável”, “vida de ricoço”, “herói que abandonou os palácios e o estilo de vida luxuoso”. Esta última imagem, por sinal, lembra-nos classicamente histórias infantis e contos de fada que tratam de príncipes que viram mendigos na defesa de alguma causa importante, social ou sentimental. Associada à visão que temos de “palácio” no nosso meio cultural, tal imagem cria uma aura de mistério e magia voltada para o líder afegão.

Essa imagem parece ser contraditória com os propósitos do texto. No entanto, pode-se encontrar certa justificativa para seu uso se pensarmos em toda a repercussão do atentado terrorista. Trata-se de uma atitude que mobilizou o mundo, independente de opiniões ideológicas contrárias ou a favor do ato. A guerra se arrasta por bastante tempo, sem um desfecho plenamente satisfatório até então, que se daria com a captura do próprio líder terrorista.

Tratar Bin Laden como mais um bárbaro, fanático, vândalo ou equivalente seria menosprezar e até ridicularizar a força bélica dos Estados Unidos. Dentro dessa linha de raciocínio, o pensamento que vigora é que se os norte-americanos ainda não venceram completamente a guerra, e a mesma se arrasta há meses, não é por incompetência militar, e sim, porque se trata de envidar esforços contra uma mente incomum, alguém que exige estratégias além do normal, um “maestro” do terrorismo, um “herói palaciano”, e não um mortal qualquer.

Até o desfecho dessa perseguição nos últimos tempos com a morte de Bin Laden pelas forças americanas, percebe-se que toda essa cadeia cognitiva de descrição do personagem em pauta foi sempre fomentada. Em outras palavras, só a linguagem poderia destruir o que a linguagem construiu durante muitos anos: a imagem de um malfeitor que não se conseguia capturar, não por incompetência das armas americanas, mas pela maestria e destreza do mesmo. É por isso que a linguagem constitui um poderoso aliada da ideologia, pois ela prepara terreno para as ideias que se querem veiculadas.

3. Conclusão

Quando o global desloca o local debaixo dos nossos pés, perdemos parte do nosso território. Contudo, outras territorialidades se constroem. O espaço é resultado do conflito de interesses entre o coletivo e o privado. É da resistência heroica de comunidades que muitos espaços, símbolos e culturas são preservados. Ainda que os grandes meios de comunicação nos coloquem diante de um novo mundo, é no lugar e através da memória de nossos antepassados que construímos nossa identidade.

E, na construção dessa identidade, muitos valores entram em jogo, alguns dos quais são meticulosamente manipulados pela linguagem veiculada nos meios de comunicação, como se pode ver pela maneira como o ataque terrorista de 11 de setembro e suas consequências são tratados pela mídia.

Nesse aspecto, a linguagem se torna muito mais do que um elemento de transmissão de conhecimentos; ela se reveste de uma importância tal que se torna importante elemento de determinação das relações estabelecidas nos diversos territórios. Ela deixa de ser um espelho dos sentimentos e ações humanas para ser um verdadeiro lugar onde se instauram o sentido e suas consequências.

4. Referências

ABREU, Silvana de. *Formação e estrutura curricular: pela superação de uma lógica*. Geografares: Revista do departamento de Geografia do centro de ciências humanas e naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, n. 4/2003.

BACCEGA, M^a Aparecida. *Da comunicação ao conhecimento: Ressignificação da escola*. In: FAPESP ECA USP Comunicação e educação set/dez. Editora Segmento, São Paulo SP.

2001.

_____, *Comunicação e educação: conhecimento e mediações* In: ECA/USP Comunicação e educação jan/abr. Editora. Segmento, São Paulo SP. 2001.

_____, Meios de comunicação na escola. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/pages/view/eadufscar>. Acesso em 01/08/2012>.

_____. *Comunicação/Educação. Apontamentos para discussão*. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/26/26>>.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Cidade: Jorge Zahar, 1999.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2000.

BRUNET, R. *et al. Territoire et identité*. Paris: Centre Nationale de Recherche Cientifique, 1992.

CALLAI, Helena Copetti In PONTUCHKA, Níbia Nacib. *et all. Geografia em perspectiva*. Ed. Contexto. São Paulo. 2006.

_____. *A formação do profissional da Geografia*. Ed. UNIJUI. Rio Grande do Sul. 2003.

CASTELS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, Paul. *O Território na transição da pós-modernidade*. Universidade de Paris-Sorbonne. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/rev_02/paul%20claval.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2006.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. Ed. Paz e Terra S.A. Rio de Janeiro, RJ.

FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____; OLIVEIRA, Janete Regina de. *O trabalho de campo: reflexões sobre a tradição geográfica*. Disponível em:



<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/4131> Acesso em: 30 maio 2005.

KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LACOSTE, Yves. *A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1972.

LAURITI, Nádia C. *Comunicação e Educação: Território de Interdiscursividade*. Cidade: Núcleo de Comunicação e Educação, 1999.

LEÃO, Vicente de Paula. *A Geografia e as diferentes formas de ver o Mundo*. Texto apresentado no 8º ENPEG – Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Dourados-MS. 2005

LEÃO E CARVALHO LEÃO. *Ensino de Geografia e Mídia: linguagens e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte, Argvmentvm. 2008.

MCLUHAN M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix 1964

MARTINEZ SÁNCHEZ, Francisco. *Os meios de comunicação*. In: Ministério da Educação. *Medianamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: Editora, 1999.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 68, Dezembro/99

PILETTI, Nelson. *História da educação no Brasil*. Editora Ática, São Paulo, 1991.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Editora Nova Fronteira Rio de Janeiro, RJ. 1984

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

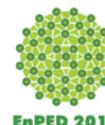
_____. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

_____. *Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à*



consciência universal. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Uma visão premonitória: uma homenagem ao geógrafo Milton Santos*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand13/elian.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2006.

SOUZA, Álvaro José. In PONTUCHKA, N. Nacib. . *Geografia em perspectiva*. Ed. Contexto. São Paulo. 2006.

VESENTINI, José Willian. In PONTUCHKA, N. Nacib. *Geografia em perspectiva*. Ed. Contexto. São Paulo. 2006.